

Da faixa de pedestres para as salas de aula – O trânsito como tema transversal nas relações de ensino-aprendizagem.

Por: Juliano Leví Santos Messias<sup>1</sup>

Há, no Brasil e ao redor do mundo, um consenso geral e larga produção científica sobre o imenso poder transformador da educação. Não só no que diz respeito ao crescimento intelectual, mas nas posturas e práticas que formam cidadãos e possibilitam uma convivência social harmônica e solidária. De fato, não existe outra forma mais eficaz de moldar personalidades e fazer os indivíduos crescerem nos mais variados aspectos.

No que tange às questões que permeiam o trânsito brasileiro, com seus inúmeros problemas e estatísticas assustadoras de acidentes e mortes, a educação também deve ser encarada como potencial transformador de atitudes. A ONU, ciente disso, lançou em 2009, na sua resolução nº 02, o programa Década de Ação pela Segurança no trânsito – 2011 a 2020, com uma proposta específica para a redução de acidentes e segurança viária no Brasil. Nesta proposta estão previstas ações na área de saúde, segurança pública e, prioritariamente, de educação. Serão, neste contexto, mais de dez mil ações educativas no Brasil entre os anos de 2011 e 2020, com o objetivo de formar cidadãos conscientes da necessidade de se defender a vida no trânsito e de se evitar acidentes.

O pilar "III – Educação" da Proposta para o Brasil para a redução de acidentes e segurança viária, resolução nº 02 da ONU, de 2009, está escrito da seguinte forma:

*" Mobilizar os setores governamentais e não governamentais, empresariais, educacionais, técnicos e acadêmicos para que adotem ações que promovam o respeito às regras de trânsito, às pessoas e ao meio ambiente e que incentivem mudança das pessoas para um comportamento mais seguro, ético e solidário no trânsito. Os programas de educação deverão ser inclusivos, contemplando as pessoas com deficiência e mobilidade reduzida."*

É válido observar que, o que deve impressionar nas ambições da ONU quanto à mudança das pessoas para um comportamento mais seguro, ético e solidário no trânsito não são as 10.000 ações educativas previstas, mas sim os dez anos de ações

educativas que poderão ser realizadas. A análise não deve ser quantitativa e sim qualitativa. A possibilidade de estabelecer programas educacionais de média e longa duração é que faz vislumbrar um futuro em que as próximas gerações transitem de forma mais humana. Deste modo, é necessário concentrar esforços nos métodos à serem utilizados para que estes projetos educacionais mais duradouros sejam concretizados.

A ideia básica é fugir de uma concepção atomista de práticas pedagógicas. Dez mil iniciativas educativas isoladas e de curta duração tem uma eficácia questionável. O ensino de conhecimentos estáticos, compartimentados em matérias que não dialogam entre si e com a realidade são princípios ultrapassados. Por estas razões apresentadas, é de suma importância que a estratégia fundamental na educação para o trânsito seja a transversalização. Transversalizar a temática do trânsito e, por consequência, torná-la interdisciplinar é decisivo neste contexto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1997, explicam estes conceitos da seguinte maneira:

*" A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzido por uma abordagem que não leva em conta a interrelação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constitui. Refere-se, portanto, a uma relação entre as disciplinas. A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e questões da vida real (aprender na realidade e da realidade)*

O trânsito faz parte da vida das pessoas. É um aspecto macro da nossa realidade que a escola não pode negligenciar. Deste modo, não há razões para deixar de abordar no dia a dia das salas de aula este tema, se ele é tão sensível na vida dos alunos, professores e de toda a comunidade escolar. Não se trata aqui de realizar uma ou duas aulas sobre trânsito e considerar esta ação suficiente. O processo de aprendizagem significativa e transformadora se dá no cotidiano, com exemplos práticos e vivências. Os estudantes pegam ônibus, vão de carro, bicicleta ou até caminhando de casa para a escola e vice-versa. Eles experimentam as regras e problemas do trânsito diariamente. Não há realidade mais próxima deles do que esta. Trata-se de um conjunto de conhecimentos para uma formação cidadã, para a vida.

É necessário reposicionar a escola como instituição. Capacitar e atualizar nossos professores e gestores, qualificar nosso currículo escolar e práticas pedagógicas. Além disso, priorizar a transversalização do trânsito como tema de estudos e discussões na sala de aula. Só deste modo será possível desenvolver uma geração de indivíduos defensores da vida no trânsito, futuros condutores, multiplicadores de uma postura mais humana no ato de se locomover de um ponto à outro.

<sup>1</sup> Juliano Leví Santos Messias é formado em História pela Universidade Federal da Bahia, pós-graduado em História da Arte pelo Claretiano Centro Universitário de São Paulo e colaborador FENASDETRAN.